

## Ecología Humana. O pressuposto da Ética na preservação do Meio Ambiente

### RESUMO

Antigos documentos revelam que ha preocupacao coma ecología nao é fato recente. Mais recentemente, no séc. XIX, deba re-se a "ecología profunda", a través de Teilhard de Chardin e, depois, com Aldo Leopoldo (1940), Arne Naess (1970), etc. Em nossos dias, o debate sobre a vida, a sustentabilidade, está permanentemente visível na mídia, nas reuniões da ONU, etc. Este artigo pretende indagar sobre o papel da Ética como recurso fundamental nesta discussão, concebendo Ética como algo que vai além da mera abordagem estética tao cara à vida moderna.

Palavras Chave: Ecología, Preservacao, Vida, Ética, Estética, Jornalismo.

### ECOLOGÍA HUMANA. UNA PROPUESTA DE LA ÉTICA PARA LA PRESERVACIÓN DEL MEDIO AMBIENTE

### RESUMEN

Antiguos documentos revelan que la preocupación por la ecología no es tan reciente. En el siglo XIX se debate acerca de la "Ecología profunda" con la participación de Teilhard de Chardin y, luego, con Aldo Leopoldo (1940), Arne Naess (1970), etc. En nuestros días, el debate sobre la vida, la sostenibilidad, está permanentemente visible en los medios de comunicación, en las reuniones de la ONU, etc. Este artículo pretende investigar acerca del rol de la Ética, como recurso fundamental en esta discusión, considerando a la Ética como algo que va más allá del simple tratamiento estético, tan presente en la vida moderna.

Palabras Claves: Ecología, preservación, vida, ética, estética, periodismo.

Palabras Claves: Ecología, preservación, vida, ética, estética, periodismo.

Palabras Claves: Ecología, preservación, vida, ética, estética, periodismo.

Pedro Celso Campos  
jornalista profissional desde 1969. graduado  
pela Universidade de Brasília, e há 14 anos  
ensina "Produção Jornalística" e "Técnicas de  
Reportagem e Entrevista". Atualmente pesquisa  
a viabilidade de um periódico de

## HUMAN ECOLOGY. AN ETHICS PROPOSAL FOR THE PRESERVATION OF THE ENVIRONMENT

### ABSTRACT

Ancienr documents reveal that worries for ecology are nor so recent. In rhe XIX century a debate about "PROFOUND ECOLOGY" was hold with the participation of Teilhard de Chardin and rhen, with AldLeopold(1940) , Arne Naess (1970), etc. Nowadays debate about life or sustamablty ts permanently visible in che mass media , in the UN meerings, etc. This anide intends ro in vestigare about che role of ethics as a basic resource in chis discussion, considering Ethics as something rhat rrespases che simple csthetics rrearmenr which is permanently presenr in modern life.

Key words: ecology, preservatio n, life, erhics, aesrhetics, jo urnalism.

A terra está de luto e todos os seus habitantes  
Perecem. Os animais selvagens, as aves do céu e  
Até mesmo os peixes do mar desaparecem.  
(OSIAS 4,3)

### 1. Antecedentes

Foi a Revoluc;:ao Industrial, que marcou a transic;:ao entre a sociedade agrícola-artesanal do Séc. XVIII para a sociedade urbano-industrial, que alterou profundamente as relac;:ões de produyao, exatamente entre 1750 e 1830. Isto se tomou possível a partir da mais radical manifestac;:ao contra o feudalismo que foi a Revoluc;:ao Francesa, de 178911794. Com os grandes descobrimentos e, em func;:ao deles, a formac;:ao do mercado mundial, teve início o maior processo de globalizac;:ao da história recente. A burguesía nascente apoiou inicialmente o desenvolvimento das artes, favorecendo a pesquisa e as invenc;:ões do Século das Luzes (Séc. XVIII) quando o poder da Razao se instalou nas ciencias (Racionalismo) e todo o conhecimenro passou a ter urna finalidade prática, volrado para o admirável mundo que então surgía, coma promessa de vida nova para rodos os que aderissem e apoiassem as teses do capitalismo.

As oportunidades que surgiram com o novo sistema não eram para codos. Pelo contrário, o que era de todos ou esrava à dis posic;:ão de todos -como a água, a energia, as florestas, as praias, os recantos naturais, a terra, os ríos e mares, afinal, a natureza— passou a ter dono. Agora a água gera energia e ambas são comercializadas. A terra ampla que poderia matar a fome de tantos, está improdutiva no latifúndio. As praias estão cercadas por condomínios de luxo ou por hotéis 5 estrelas. As florestas e o cerrado dão lugar à monocultura da soja ou à pecuária... a concentraç;:ao da renda, a acumulaç;:ão do capital vão gerando a injustic;a que resulta na fome, na miséria, na violencia, no desemprego, na infelicidade.

Percebemos que a centralizac;:ao da história humana nos interesses do próprio homem —escolha que lhe foi possível pelo livre-arbítrio— gerou urna distorc;:ao no mandamento inicial da preservac;:ão para a vida. O que era dádiva, o homem transformou em propriedade. Excluiu o que não servía aos seus propósitos imediatos, tanto outros homens, como os bens naturais. Feriu, matou, destruiu, transformou amor em ódio.

Hoje, o efeito estufa é preocupayao universal e todos os governos se mobilizam para entender a Convenc;:ão do Clima assinada por dezenas de países representados na Ríó Eco-92, sobos auspícios da ONU, depois consubstanciada no Protocolo de Kyoto. Mas só há pouco a Rússia aderiu ao Protocolo, enquanto nos EUA, dez Estados invocaram o Pacto Federativo pelo direito de aderir à luta a favor do clima, contrariando o governo Bush que reluta em reduzir os níveis de lanc;:amento de CO2 na atmosfera alegando que isto implicaría em prejuízos para a economia amencana.

Com a instantaneidade da notícia em tempo real, que é urna característica da sociedade da informac;:ao, tomamos conhecimento de todas as catástrofes ambientais no instante mesmo em que elas estão ocorrendo. Emboca de modo insuficiente, a cobertura da mídia chega acompanhada de explicac;:ões da ciencia sobre a origem dos fenonemos. Assim foi no caso da movimentayao das placas que provocou o maremoto na Asia matando mais de 300 mil pessoas em dezembro de 2004. A forc;:a do impacto levou a conjecturas sobre o deslocamento do eixo da Terra. Muitos veem nos verões europeus cada vez mais quentes, nos invernas tropicais com dias de verão, em furacões como o Katrina que

destruiu New Orleans e arrasou estados inteiros no sul dos EUA em agosto de 2005, ou nos efeitos do fenómeno El Niño, com tantos desastres e inundações, uma manifestação clara de que algo muito grave está acontecendo como clima. Por isto, estudar o passado, compreender o equívoco humano de centrar sua razão de ser apenas na acumulação de bens, gerando exclusão e miséria é fundamental se queremos educar e conscientizar as pessoas na direção de um novo comportamento ambiental, de um novo modo de vida, mais solidário, mais assentado no "ser", no respeito às diferenças, na aceitação e na tolerância. A Terra não é uma propriedade particular de alguns.<sup>1</sup> Ela não existe em função do homem. Ela existia antes e tem meios de se auto regular para assegurar sua continuidade. É o homem que deve se adaptar a natureza e não ao contrário.<sup>2</sup> Se não compreender isso, o homem será "dispensado" pelo sistema em sua monumental e indomável marcha configurada na expansão cósmica entrevista por Einstein.

Nem só o homem é senhor de direitos na natureza. A própria natureza tem direitos por si mesmo, são os chamados "direitos intrínsecos", algo que em nossos dias alguns classificam como "loucura",<sup>3</sup> sem elogio, mas outros, tão sábios quanto sensíveis às questões da nova era, chamam de "ecologia profunda". São pessoas que se debruçam sobre o entendimento da unidade sistêmica, da unidade no todo, da interdependência orgânica no sistema único formado pelo binômio homem/natureza.

## 2. Ecologia Profunda

A problemática da ecologia profunda está presente na obra de Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955), paleontólogo, teólogo e pensador jesuíta francês que esandalizou os conservadores católicos ao observar que o universo tem vida inteligente e que até as pedras tem algum tipo de vida imanente, seguindo um finalismo que, em Hegel, significa que o próprio mundo tem sua razão de ser em sua finalidade última. Mas, enquanto outras filosofias, como o panteísmo, consideram a imanência divina na própria natureza, negando, portanto, sua transcendência

-isto é, Deus escaria na natureza, não fora dela- a igreja busca conciliar os princípios de imanência e transcendência.

Modernamente os conceitos de integração entre homem, natureza e Deus, entre ciência e religião, ciência e fé, racionalidade e espiritualidade, objetividade e intuição, são bem mais aceitáveis, mesmo entre renomados cientistas e grandes pensadores. A infinitude do universo ou a fé em Deus não eram um mistério apenas para o pai da teoria da relatividade. Muitos outros já se incomodaram com isto.

Contra o amigo paradigma da crença no progresso material ilimitado, que via no corpo humano apenas uma máquina produtora surge no novo século, um novo modo de ver o mundo, que concebe o mundo como um todo integrado, holístico, ecológico. A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos e nos revela que, enquanto indivíduos e sociedades estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza, portanto somos dependentes desses processos.<sup>4</sup> Como lembrava Einstein, *a natureza não precisa do homem, mas o homem precisa da natureza*.

Quem nos ensinará a ser éticos? Será a escola, a família, a religião? Mas a escola está sucateada, a família se divorciou e a religião transformou-se num supermercado de fórmulas prontas e comércio de ilusões através da proliferação das seitas com seus sacos e malas de dinheiro... que esperança temos de retomar os clássicos como no renascimento? Onde encontramos debates sérios sobre as questões que dizem respeito à sobrevivência do homem neste planeta? Se a resposta é difícil, não é menos verdade que o estudo da ética se impõe, mais do que nunca.

## 3. Ecologia e Ética

Quais os elementos que podem induzir ao comportamento ético?

Aquí há dois caminhos a seguir e ambos se complementam. O primeiro é educação - não só no ambiente escolar convencional, mas ao nível de cidadania, com o apoio da mídia. O segundo é a advertência - através da

legislação firme, coerente, pertinente, aplicável, funcional. Quando somos penalizados no bolso, então compreendemos que é preciso repensar o consumo de energia, água, embalagens não recicláveis, combustíveis, fósseis, madeiras de florestas não controladas ou quando queimamos, desmatamos, poluímos, "assassinamos" animais e árvores.

Não temos outro caminho que não a retomada e o entranhamento da ética em nossas vidas, desde as atitudes mais simples que superam o "penso, logo existo" norma da ecologia rasa, de origem cartesiana e racionalista, para um "escolho, logo existo" -onde a participação responsável de cada um pressupõe níveis de consciência, característica da ecologia profunda e do pensamento sistêmico.

O desequilíbrio do ecossistema mundial provocado pela falta de ética e de estética, levou o Papa João Paulo II a se manifestar assim na carta *Dives in Misericórdia*:

Sucedem em nossos dias que, ao lado daqueles que são abastados e vivem na abundância, há centenas de milhões que vivem na indigência, padecem a miséria e, muitas vezes, morrem de fome. E, por isso que a inquietude moral está destinada a tornar-se ainda mais profunda. Evidentemente, na base da economia contemporânea e da civilização materialista, há uma falha fundamental, um mecanismo defeituoso, que não permite à família humana sair de situações tão radicalmente injustas. (*Ossuvatore Romano*, 7 dez. 1981, n.II, p.12).<sup>5</sup>

A noção de que o problema do equilíbrio mundial é, basicamente, uma questão ética foi a razão do surgimento de teologias de contestação, na década de 1970, propondo uma Igreja mais presente e mais atuante nos problemas humanos, como se deu com a Teologia da Libertação -do peruano Gutiérrez e do brasileiro Leonardo Boff- pregando a opção preferencial pelos pobres. Reunidos em Puebla, os bispos latino-americanos já afirmavam em 1979: "*mosa luz da fl, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O lucro de poucos é um insulto para a miséria das grandes massas.*"<sup>6</sup>

Professor de Ética e Teologia Moral, na Pós-graduação da PUC-RJ, Antonio Moser aborda a ética como ciência categoricamente normativa

dos aros humanos, à luz da razão natural. Ela, a ética, não apenas descreve comportamentos humanos mas traça imperativos para que o homem possa realizar-se na sua humanidade. É através da vida humana ameaçada na terra que a ecologia e a ética encontram -se diante de um mesmo e gigantesco desafio: o que fazer para possibilitar a continuidade da vida sobre o planeta?

Para dar conta do desafio à sua frente, a ética deixa o eternismo platônico (mundo das idéias) para situar-se hoje, no plano das preocupações terrenas (mundo real). Segundo Moser, a ética desloca-se do amigo conceito permanente (*esse*) para o conceito hegeliano de evolução na comunidade (*fim*). Agora ela é constituída na e pela história. Por isso assume traços de "provisoriidade". (MOSER, 1984, p.31-32).<sup>7</sup>

As atualizações promovidas pela Igreja através do concílio Vaticano II revelam essa preocupação com a ética de *feri*, voltada para o bem coletivo, desautorizando a ética do individualismo cartesiano que apresenta o homem embevecido com a própria inteligência, como se pode verificar nesta declaração conciliar.

Cumprem-se cada vez melhor os deveres da justiça e caridade se cada um, contribuindo para o bem com um segundo suas capacidades e as necessidades dos outros, promover e ajudar também as instituições públicas e particulares que estão a serviço de um aprimoramento das condições de vida dos homens... que todos considerem como sagrada obrigação enumerar as relações sociais entre os principais deveres do homem de hoje. (Documento do Concílio Vaticano II, cit. Por MOSER. 1984, p.33)<sup>8</sup>

O Professor Moser, à luz da ética, propõe uma nova sociedade com um programa de quatro pontos:

1. Abandona da civilização do desperdício,
2. Mais justa distribuição dos recursos humanos;
3. Atenção central à produção de alimentos;
4. Ação global contra a miséria e a fome.

Ele avalia que "só uma acção global, com a integracção de esforços de organizacções e dos governos, de boa vontade, que nao isole os problemas da miséria e da fome, será capaz de tornar o panorama mundial menos sombrio para um futuro próximo." E conclui: *Quem deve ir para o banco dos réus é o desperdício dos ricos, não as miga/has que alimentam milhões de miseráveis.*

#### 4. Abordagem Estética

De início é preciso reconhecer que não se pode conceber a estética como valor absoluto, acima da moral, por exemplo. Conceber um modo estético de ser, no relacionamento social, nas práticas profissionais, no trato com a natureza, na concepção do texto ou da própria arte não pode ser uma obsessão, um fim em si mesmo, que nos faria relegar a segundo plano outros compromissos coma ética, o respeito, a amizade, o amor, etc., visto que isto nos levada a urna vida artificial, vazia e hipócrita, como nessa ditadura da moda atual que levam as *top-models* à auto-desnutricção consciente -com riscos para a saúde- "dentro do padrão". De igual modo o estetismo de Don Juan, o sedutor, leva a urna vida mesquinamente tediosa. Sob este aspecto, é impossível concordar com Osear Wilde para quem a arte é mais importante que a própria vida, pois nao existe arte sem vida e é a vida que dá sentido à arte e a tudo o mais. Também Soren Kierkegaard critica o estetismo consumista de quem vive no instante, apenas para colher rosas, sem os espinhos, praticando um oportunismo que menospreza a solidariedade e o verdadeiro amor ao próximo (desinteressado e puro), o que, nao raro, acaba levando ao desespero. (ABBAGNANO, 2000, p. 375).<sup>9</sup>

Para Nietzsche, é indispensável à arte a perfeicção do ser e das atitudes, o encaminhamento do ser para a plenitude, a divinizacção da existencia, é o estado apolíneo que resulta da embriaguez dionisíaca.<sup>10</sup> Para Hegel a tarefa da arte é superar a própria arte conduzindo o hornero para o transcendente, o espiritual, isto é, para a religião e a filosofia, pensamento parecido com o de Benedetto Croce, para quem a "arte é o

conhecimento", como em Aristóteles. Só pela educacção chegamos ao conhecimento, então a arte tem urna funcção educativa.

Defensor do senso estético como parametro para o valor das coisas, o professor titular de sociología do trabalho da universidade de Roma La Sapienza, mostra que a criatividade, no mundo da producção, é filha diletta de um equilíbrio delicado entre razão e emocao, entre fantasia e senso prático. Para ele, a adequacção é a mola prepulsora do progresso do mundo globalizado no que se refere a producção, à criacção artística e ao bem-estar. Assim, nao basta ser criativo, é preciso espírito empreendedor e paixáo motivadora.

No jornalismo, o trabalho em equipe -onde a inteligencia emocional conta tanto quanto o preparo racional- é a estrutura básica na qual se apóia todo o processo de criacção intelectual e de producção industrial presentes nos modernos meios de comunicacção de massa. Naturalmente cumpre as boas escotas de jornalismo dotarern os estudantes destas nocções relacionadas com a capacidade de conviver com o diferente, de aceitar o outro, de ser solidário e bom caráter para que o trabalho em grupo obrenha os melhores resultados. Na própria escola o sentido de equipe deve ser despertado e valorizado na producção academica.

#### 5. Conclusão

Neste artigo fizemos urn breve levantamento sobre a relacção dos homens com a natureza. Discutimos o conceiro de "ecología profunda" no plano do próprio hornero onde a preservacção da natureza deve ser praticada em funcção dela mesma e não do homem em si, ficando implícito, do mesmo modo, que a nossa aceitacção do outro -do seu modo de vida, de ser, de pensar, de se relacionar com Deus- deve se dar a partir do outro mesrno. O encaminhamento natural para adquirirmos esse respeito pelo outro -animal, árvore, gente- seria a revalorizacção da ética, disciplina tao desprezada, exatamente nestes tempos nos quais faz tanta falta.

Através da ética, poderemos aspirar a urn comportamento estético nas artes, na sociedade, na cultura, na educacção. Poderemos pensar um

"jornalismo estético" não do ponto de vista da apresentação física dos meios, mas do ponto de vista do seu comportamento social com a comunidade, da sua capacidade de servir ao receptor e não de servir-se dele para obter outras vantagens. Trata-se de colocar o receptor como sujeito e não como objeto da informação. Certamente, só pela educação ampla, integrando escola e sociedade, com a estratégia utilizada dos meios de comunicação e através de uma legislação que cumpra sua obrigação de coibir os crimes ambientais, de forma enérgica e justa, será possível caminhar para o mundo estético também em relação ao meio ambiente.

Se tivermos uma formação ética para consumir sem afrontar a justiça social e os direitos do outro, por exemplo, se formos educados a consumir sem consumir o meio ambiente, se chegarmos a um acordo sobre "estética do consumo" no mundo pós-industrial, então padecemos propor uma estratégia de educação integrada e permanente para a sustentabilidade do outro mundo possível.

#### Notas

- 1 Cf. BOFE L. Revista *Caros Amigos*, São Paulo, set. 1998.
- 2 Cf. MORIN, 1975, p. 192.
- 3 Cf. HAYMAN, R. *Nietzsche e suas Vozes*, 2000.
- 4 CAPRA, 1996, p. 25.
- 5 Cf. *Osservatore Romano*. 7 dez. 1981. n. 11, p. 12.
- 6 Cf. Bispos Latino-americanos "Evangelização no Presente e no Futuro da América Latino-Puebla" Petrópolis, 1979, cit. por MOSER 1984, p. 29.
- 7 Cf. MOSER, 1984, p. 31-32.
- 8 Cf. Documento do Concílio Vaticano II, cit. por MOSER 1984, p. 33.
- 9 Cf. ABBAGNANO, p. 375.
- 10 Cf. ABBAGNANO, p. 372.

#### Bibliografia

- ABBAGNANO, N., *Dicionário de Filosofia*. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone Castilho Benedetti. São Paulo, Martins Fontes, 2000.
- ARANHA, M. L. de A. & MARTINS, M. H. P. *Filosofando- Introdução à Filosofia*. São Paulo, Moderna, 1995.
- BUCK-MORSS, S. *Origen de La Dialéctica Negativa - Theodor W Adorno, Walter Benjamín y el Instituto Frankfurt*. México, Siglo Veintiuno Editores, 1981.
- CAMÓES, L. de, *Os Luziadas*. Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno, São Paulo, Ediouro (s. d.).
- CAPRA, F. A. *Teia da Vida - Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos*. Trad. de Nilton R. Eichenberg. São Paulo, Cultrix, 1996.
- CASTELS, M. A. *Sociedade em Rede*. v. I. São Paulo, Paz e Terra, 2003.
- DE MASI, D. A. *Emofáto e a Regra - Os Grupos Criativos da Europa de 1850 a 1950*. 5ª ed. Trad. de Elia Ferreira Edel. São Paulo, José Olímpio, 1996.
- OURANT, W. A. *Filosofia de Nietzsche*. Trad. de Maria Thereza Miranda. Rio de Janeiro, Ediouro, 1983.
- EINSTEIN, A. *Notas Biográficas*. Trad. de Aulyde Soares Rodrigues. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.
- FERRY, L. A. *Nova Ordem Ecológica - A Arvore, o Animal, o Homem*. Trad. de Alvaro Cabral. São Paulo, Ensaio, 1994.
- FREUD, S. *O Mal Estar da Civilização*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro, Imago, 1997.
- GAARDER, J. *O Mundo de Sofia*. Trad. de João Azenha Júnior. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- GOETHE, J. W. *Os Sofrimentos do Jovem Werther*. Trad. de Marion Fleischer. São Paulo, Martins Fontes, 2002.
- GOSWAMI, A. A. *Janela Visionária*. Trad. de Paulo Salles. São Paulo, Cultrix, 2003.
- HAYMAN, R. *Nietzsche e suas Vozes*. Trad. de Scarlett Marion. Col. Grandes Filósofos. São Paulo, UNESP, 2000.
- HOMERO, *Odisseia*. Texto Integral. São Paulo, Martin Claret, 2003.

- JAUSS, H. R. *A História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. Sao Paulo, Ática, 1994.
- K. Nora & HÓSLE, V. *O café dos Filósofos Mortos*. Trad. de Salvador Pane Baruja. Sao Paulo, Angra, 2001.
- LAUAND, J. *Em Diálogo com Tomás de Aquino- Conferencias e Ensaíos*. Sao Paulo, Mandruvá, 2002.
- MARTIN-BARBERO, J. *De los medios a las mediaciones - Comunicación, Cultura y Hegemonía*. México, Editorial Gustavo Gili, 1987.
- MARTINS, J. P. S. *Terra, Nave Mãe- Por um Socialismo Ecológico*. Sao Paulo, Traco Editorial, 1991 .
- MORAES, D. (org.). *Porttma outra Comunicação -Mdia, Mundialização Cultural e Poder*. Sao Paulo, Record, 2003.
- MORIN, E. *O Enigma do Homem - Para uma Nova Antropofagia*. Trad. de Fernando Castro Ferro. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MOSER, A. *O Problema Ecológico e suas implicações JJticas*. 2a ed. Petrópolis, Vozes, 1984.
- ORTIZ, R. *Mundialização e Cultura*. Sao Paulo, Brasiliense, 1994.
- RIBEIRO, O. *O Pavo Brasileiro*. Sao Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. Trad. de J. Oliveira e Ambrósio de Pina. Petrópolis, Vozes, 1988.
- SACHS, I. *Ecodesenvolvimento - Crescer sem Destruir*. Trad. de Eneida Araújo. Sao Paulo, Vrtice, 1986.
- SCRUTON, R. *Espinosa*. Trad. de Angélica Elisabeth Konke. Col. Grandes Filósofos. Sao Paulo, UNESP, 2000.
- SINGER, P. *Hegel*. Trad. de Luciana Pudenzi, Sao Paulo, Loyola, 2003.
- STRABELI, M. *Subsídios para uma Leitura Franciscana da Bíblia*. Piracicaba, Cenero Franciscano de Espiritualidade, 1993.

Correo electrónico: pcampos@faac.unesp.br